

ULISSES NA ODISSÉIA DE KAZANTZÁKIS

Isis Borges B. da Fonseca
(FFLCH-USP)

Résumé

Dans son long poème de 33.333 vers, Nikos Kazantzakis en s'appuyant sur la figure de l'Ulysse homérique, donne au héros des préoccupations tout à fait nouvelles. Ce sont maintenant des problèmes métaphysiques qui occupent son esprit. Après avoir détruit symboliquement les dieux olympiens, le héros part à la recherche de son dieu. Qu'est-ce "dieu"? C'est la question qui l'obsède. "Dieu" c'est l'élan primitif qui amène l'homme à se dépasser et à accomplir des actions au-dessus de ses forces? Ou s'identifie-t-il avec le Néant?

Pour le poète, tout en méprisant le culte ancien, on doit reprendre le cheminement à partir du néant, sans le moindre respect pour les normes imposées par la société.

Dans des rencontres symboliques avec de grandes figures de l'humanité, parmi lesquelles Hamlet, Bouddha et le Christ, le héros met en lumière les différents étapes de ses réflexions les plus profondes.

A **Odisséia** de Nikos Kazantzákis, obra praticamente desconhecida em nosso meio, é uma epopéia do homem moderno, em que o poeta, na figura de Ulisses, procura desesperadamente “criar uma grande idéia que possa dar novo sentido à vida, novo sentido à morte e consolar o homem”.

No poema de 33.333 versos, o autor serve da **dimotiki**, forma de língua usada pelo povo e instrumento de expressão da literatura neogrega, distinta, portanto, da **katharevousa**, forma de língua purista, erudita, empregada sobretudo nos documentos oficiais e em ocasiões solenes.

No entanto, ao contrário do que se pode pensar, a língua de que se serve o autor, no poema, dificulta o acesso ao público, por conter grande número de idiomatismos e até mesmo palavras.

Para Kazantzákis, a língua demótica é identificada com a sua Pátria que sempre defende com fanatismo¹, tomando cada restrição feita por um inculto como cegueira e se por erudito tomada como desrespeito.

Kazantzákis justificava a adoção de palavras do dialeto cretense, afirmando que seu mecanismo estava sujeito à regra pan-helênica, pois a sintaxe, a morfologia e a fonética seguiam a lei comum a todos os dialetos gregos.

Disse o próprio Poeta que após 500 ou 1.000 anos a língua grega não mais seria falada, e deixou, de fato, a impressão de ter querido fazer uma coleta das palavras da dimotiki para deixar para a posteridade, não obstante tê-lo feito numa linguagem acima da capacidade e da experiência humana.

A **Odisséia** que é para o próprio autor “a grande obra de sua vida”, sendo ao mesmo tempo narrativa, dramática, lírica, filosófica e também política, impressiona mesmo o leitor pela inesgotável faculdade inventiva do Poeta e pelo dinamismo de sua arte narrativa.

Desde o início do desenvolvimento do poema, preocupava-se o Autor com o tema existencial que dá nova veste à antiga epopéia, na busca da liberdade diante do espectro da morte e do aniquilamento do indivíduo.

A transformação da matéria em espírito é um dos principais temas da **Odisséia**². Nota-se como o Poeta, no prólogo, introduz o Sol personificado (v.25 et segs):

“O que vês sobre a terra conta, o que ouves me confia, e eu o farei passar na oficina secreta de minhas entranhas, e lentamente, com brincadeiras e grande carinho, pedras, água, fogo e terra, tudo virá a ser espírito”.

E assim termina o Prólogo (v. 64 et segs):

1 - Cf. Πρεβελάκης, 1958:191.

2 - Quando Kazantzákis diz que é dever do homem transformar a matéria em espírito, não entende essa transformação como o retorno e a união do homem a Deus, mas a Vitória do homem que ouviu o “Grito”, o “Clamor” (Cf. Ρουκ, 1977:133).

“Pelo pai Sol e pela mãe Lua, juro
 que a velhice é um sonho falaz e a morte uma ilusão;
 tudo são dissimulações da alma e jogos do espírito,
 tudo é como um leve vento etésio que sopra e abre as têmeoras;
 O sonho foi levemente sonhado e este mundo surgiu!
 Conquistemos o mundo, amigos, com o canto!
 Eh! companheiros de viagem, tomaí os remos, vem vindo o capitão!
 e vós, mães, dai o seio aos bebês para não chorarem!
 Avante! Longe do espírito os desprezíveis dissabores! Prestai atenção!
 Vou contar as aventuras e os tormentos do célebre Ulisses”.

Kazantzákis, no canto I, toma como ponto de partida de sua narrativa, a *Odisséia* homérica, no momento em que se dá a revelação, o combate, o massacre e a purificação, fulcro do Canto XXII.

O Poeta, retomando essas cenas, mostra Ulisses ensanguentado após a morte dos pretendentes, entregando-se a um banho quente, banho de purificação que renuncia uma nova vida. Já de incio, vai revelar-se um rei capaz, dominando a revolta de combatentes mutilados e de viúvas dos guerreiros que não retornaram de Tróia, deles conseguindo submissão e respeito. Na administração de seus bens em terra, mostra-se tão hábil quanto o foi em todo o tempo em que dirigiu seu barco.

Mas a vida em Ítaca com que sonhara tantos anos não mais o atrai, na visão do Poeta. Aborrece-se o rei, na monotonia da ilha, ele que recebera de seus três padrinhos Tântalo, Prometeu e Hércules, respectivamente, a sede insaciável em seu peito, a semente de grande luz na cabeça, e, na mão, o punhal de ferro. Ouvindo, certo dia, narrativas de fatos de sua infância, na voz de um velho cantor, Ulisses, mudo, de cabeça baixa, sente fremir seu coração:

“Vergonha! Meus cabelos já encaneceram, meus dentes estão abalados.
 e consumo ainda minha alma em tarefas vis!
 Eu pilhei toda a terra, vês, minhas mãos estão fartas;
 já não me resta um mar para atravessar, um homem para encontrar.
 Cheio de orgulho regressei para apodrecer em minha Pátria!”

(I 1290-4)

Não! Ulisses não pode aceitar o futuro que o aguarda em Ítaca, e, assim, compreende que não se pode furtar à agitação e às surpresas que as viagens tantas vezes lhe proporcionaram.

Mas a partida de sua terra só se efetuará no terceiro Canto.

No segundo, Kazantzákis mostra Ulisses narrando a seu filho, sua esposa e seu velho pai sua viagem de retorno à ilha. Ele tem, pois, a oportunidade de comentar o episódio do Cavalo de Tróia e o fim da guerra, assinalando o encontro com Calipso, a loira deusa que pretende transformá-lo em Deus; com Circe que quer transformá-lo em animal; com Nausicaa que deseja mantê-lo na situação humana em que se encontra.

Após esse recuo no tempo, o Poeta volta a abordar a questão do descontentamento de Ulisses em Ítaca, sentimento que o levará ao abandono definitivo de sua pátria.

Para acompanhá-lo nessa longa viagem, seria interessante o conhecimento de pormenores de sua caminhada para que se pudesse bem conhecer a forma como foi gradativamente se desplindo dos conceitos antigos de Homero, em contacto com a realidade nos encontros sucessivos que vai mantendo, chegando a anular simbolicamente os deuses do Olimpo de que descrevia e a alcançar a noção de que a divindade seria uma força, um impulso de superação de si mesmo, ou a noção de identificação com o Nada, a exemplo de Nietzsche, sempre nessa busca incessante do novo Deus que jamais encontrou e que se define na obra de Kazantzákis como um novo Ulisses.

Na impossibilidade de acompanhar tão extensa narrativa, limitar-me-ei a destacar certos temas que se me afiguram de maior relevância na obra do grande poeta, quais sejam: o que é "deus"? E liberdade absoluta? Que sentido tem vida e morte?

A pergunta que a si mesmo faz Ulisses sobre a divindade, note-se bem, não é "quem é Deus?", mas "o que é Deus?" E é em busca de uma solução do problema que ele parte de Ítaca, com o mesmo ardor e impaciência com que o Ulisses homérico tinha por objetivo o retorno à pátria. O sentimento de Nostalgia é a mola propulsora de toda a agitação do herói nas duas epopéias, mas somente numa delas ele vê seu sonho realizar-se, no momento em que pisa de novo no solo de Ítaca, enquanto na outra, na luta que empreende para encontrar o verdadeiro Deus, torna-se o Θεοφονιάς, o assassino dos deuses. Esse epíteto, que Ulisses traz em toda a extensão da *Odisséia* de Kazantzákis, bem se justifica desde as primeiras cenas da epopéia, quando se nota o menosprezo do herói pela divindade que, em seu sonho, lhe aparecera e o aconselhara a não praticar o rapto de Helena.

Ulisses a Zeus:

"Miserável criação do coração, não sabes quanto
lamento teu destino impotente e teus lampejos vão!
Por pouco que eu mexa, me incline e abra os olhos
pobre filho órfão de nosso medo, tu te extinguirás no ar [...]
Pobres grandes deuses! Não passam de espantalhos
que vagam à noite furtivamente em torno de cérebros sem defesa!"

(IV1261-4.1268-9).

Embora Ulisses tenha sido tão bem recebido em Esparta por Menelau que lhe oferece um banquete e o presenteia com uma estatueta de Zeus, deus da hospitalidade, no dia seguinte parte do Peloponeso, levando, ainda mais, a rainha que, como ele, não se sentia feliz no conforto de seu lar. E, ao chegar a Creta, o primeiro ato de Ulisses é a venda da estatueta de ouro de Zeus a um mercador, o que já demonstra que os deuses morreram para o herói, chegando mesmo a escarnecer dessa morte. Não perde a oportunidade de ridicularizá-los, e é assim que enaltece a perspicácia dos cretenses por sua descrença nos deuses:

"E dizem que os deuses se tornam adornos de suas casas;
em galolas de ouro eles os prendem, como papagaios;
com um riso zombador eles os ouvem, em suas janelas,
repetir com voz humana as palavras que lhes ensinaram"

(V 311-4).

Para demonstrar esse ceticismo de Ulisses, chega a criação do poeta à invenção de um episódio, o de Surávli, que ele irônicamente assim descreve: na longa caminhada pelo deserto africano, Ulisses e o grupo que o acompanha experimentam uma série de provações e, com a falta de recursos a torturá-los, chegam a uma aldeia. Surávli para obter meios de sobrevivência, põe-se a esculpir em madeira um deus, mas esquece-se de lhe fazer a cabeça. Não importa! Basta que seu ventre seja grande! Terminada a obra, vende-a aos negros. Seguem-se, então, milagres em que cegos recuperam a visão e mutilados começam a dançar. Diante dessas cenas, o próprio criador da figura divina cal de joelhos e adora a estatueta. Nesse ínterim, Ulisses intervém:

"- Desperta, Surávli, um mau sonho envenena teu cérebro;
é uma vergonha venerares um pedaço de madeira, abre teus olhos vsgos.
Não é o ventre que tu mesmo anteontem esculpiste?"

(XIII 723-5).

Com esse episódio, Ulisses pretende de fato insultar, injuriar a credulidade dos homens.

Destruidos os ídolos, resta na alma do grande errante um vazio que ele procura preencher com a imagem do Deus Lutador, divindade que habitaria a Cidade Ideal que pretendia fundar. Criado segundo a imagem e a semelhança do homem, sem diferir dele em nada, é chamado πνοη, o Sopro, incompreensível, invencível, que leva para as alturas homens e povos, plantas e animais, deuses e demônios. Esse sopro ininterrupto, inconcebível pelo cérebro humano, é inexprimível, uma vez que com a expressão se mata automaticamente o movimento, e se congela a realidade em situações estáveis, definitivas.

Ulisses sente continuamente a presença do "deus" que identifica com esse primitivo impulso que leva o homem a ultrapassar a si mesmo e a praticar, dessa maneira, atos acima de suas forças. Sempre que pretende empreender ações arriscadas ou sente dentro de si o desejo de criar, pensa ouvir ou ver "deus", pois a essência da divindade é a luta incessante. No entanto, "deus" não é onipotente, porquanto é no homem que encontra seu companheiro e aliado. O ato humano, independente de seu valor, "liberta" deus, aprisionado em cada partícula da matéria e sujeito a riscos em todas as lutas indecisas, duvidosas. Deus é "salvo" pelo homem que não deve partir para a luta senão quando ouvir seu clamor: βοήθεια!, "Socorro!" No momento em que o homem liberta deus, está libertando sua própria alma.

Crê Ulisses, na concepção de Kazantzákis, que se deve considerar como ídolo tudo que antes se ocultava, e retomar a caminhada a partir do Nada, desprezando-se totalmente qualquer norma imposta pela sociedade, construindo novos valores.

Pelos derrotados Ulisses não sente qualquer compaixão, mas sim repulsa, repugnância. É com essa disposição que pensa construir sua Cidade ideal, quando alcança com seus companheiros a almejada nascente do Nilo, ao pé de uma montanha, bem distante de impurezas e corrupções.

Veja-se como narra Ulisses a fundação da cidade:

Ulisses sobe ao cimo da montanha e, como Moisés, fica em comunicação com seu deus, por sete dias e sete noites. Solitário, tortura sua mente, revivendo todo o passado de onde procura tirar as bases para definir seus novos deveres. Sua consciência eleva-se do Eu para a raça, a humanidade, a terra. Pretende ter a visão de Deus como uma chama que atravessa o Universo, julgando-se pronto para construir a cidade onde ela será guardada.

Chegou, enfim, o momento da criação...

Todas as atenções voltam-se para essa tarefa. Lançando os alicerces, são sacrificados e enterrados seis galos e seis frangas, representando os doze deuses do Olimpo, que ele agora procurava simbolicamente destruir.

A conduta de Ulisses revela-se francamente ética, nessa fase de sua vida em que se sente renascer com a construção de sua cidade e com o estabelecimento de suas leis.

Podemos perceber a evolução anímica operada no herói, acompanhando os acontecimentos assimilados pelo poeta:

Aproximando-se o dia da inauguração de sua cidade, Ulisses, ainda entusiasmado, sobe de novo na montanha para contemplar sua obra, quando pressente algo terrível. Entra em erupção o vulcão que se ergue no alto da cidade, seguindo-se abalos por toda a parte. O solo fende-se em dois. Ulisses mergulha em grande desespero e, aos poucos, cai em profunda meditação diante do abismo em que a cidade desapareceu! A Natureza, isto é, Deus, permanece indiferente ao destino do homem!

Apodera-se do sofrido Ulisses um sentimento de libertação e de salvação, que o leva bem longe das coisas terrenas. É assim que ele se sente renascer juntamente com a Natureza. Toma-se, então, asceta, estendendo-se sua fama por toda a região, a ponto de atrair multidão de peregrinos em busca de sua benção, consolo e salvação.

É do cérebro e de um entendimento super-humano desse asceta que provêm as concepções em torno da vida humana. Ele já não tem medo nem esperança, podendo então se sentir verdadeiramente livre. Em sua opinião, Deus não existe! Não há virtude, nem justiça! Nem céu, nem Hades! É nesse momento que ele atinge o auge de sua autonomia sem esperança. Vida e morte deixaram de ter para ele a importância de outrora, pois são vistas, agora, como valores de mesmas dimensões que se misturam em sua mente. Tendo Ulisses atingido a "Plena liberdade", tudo passa a ser sonho e o herói põe-se a brincar com sua vida e com seus dramas humanos; em suas visões, cria vida, homens, movimentos, amores, dramas, prazer!

Festeja sua liberdade, criando cinco seres: a jovem, o jovem, o velho, o escravo, o homem. Cada um deles vive seu drama e, dominado pelo seu criador, é lançado a uma aventura trágica. Com um sopro de flauta, Ulisses faz espalhar-se ao vento todas essas pessoas-visões. É um simbólico jogo em que se evidencia a onipotência da mente humana.

E, como fecho, Ulisses canta:

"Tudo não era senão miragem, uma bruma dançante;
o espírito, num segundo, fez girar mais depressa a roda do amor
e logo, de um só fôlego, amaram, mataram-se, apodreceram
cinco ou seis criaturas da imaginação, cinco ou seis cata-ventos!
Ó Espírito, demônio por último nascido (...)
agradeço-te por teres dissipado meu sofrimento, no jogo"

(VII 1259-63).

Tendo já adquirido concepções para ele muito claras sobre vida e morte, Deus e o homem, felicidade e libertação, Ulisses vai entrar em contacto com grandes espíritos da humanidade, deixando evidentes, através desses relacionamentos, as diversas fases do desenvolvimento de suas profundas cogitações. São seis encontros que merecem destaque porque são marcos na definição poética do herói de Kazantzákis.

Buda é a primeira dessas figuras que pretende obter do grande asceta Ulisses a palavra de libertação. Apresenta-se como o príncipe Managis, "Terra-mãe", ainda jovem à procura do sentido da liberdade, da vida e da morte. "por que nascemos, interroga, e depois alimentamos os vermes?"

Para Ulisses não se deve renunciar à vida pelo fato de que a morte lhe porá um fim, pois a seu ver, "a morte é sal que torna a vida saborosa" (XVIII 912). Essa interdependência da vida e da morte Kazantzákis também colocou na *Ascese*, obra de caráter filosófico cujas idéias essenciais está também na *Odisséia*. O Autor aí fala das duas correntes que jorram das "entranhas da primitiva essência", as duas forças opostas que vivificam a visão humana, forças, ou energias que ininterruptamente giram uma à outra, que moldam o indivíduo para, depois, decompô-lo, quando chega a sua hora, para aniquilar ainda seu cérebro que se tornou nesse ínterim o resumo do mundo e que conscientemente participa do drama da criação.

Os ilames do homem com a natureza tomam-se as algemas de sua liberdade. A idéia da morte como salvadora exprime-se em muitas partes da *Odisséia*, mas são mais frequentes as lamentações, a queixa e o protesto em relação a ela.

Ulisses está acima da massa, mas divide com ela os temores, sentimentos e interrogações do homem comum.

Em resposta ao jovem Buda, impaciente em sua busca febril da verdade sobre a vida, aconselha o herói:

"Managis, renuncia a teus olhos, a teus ouvidos, a tuas narinas, à tua língua.
Renuncia à glória, ao espírito, à virtude, à ação.

Renuncia a todas as criaturas da terra, são todas elas visões;
 a cavalo sobre cavalgaduras de sombras, perseguimos sombras;
 a morte, ela também é uma sombra que persegue a sombra de nossa vida!"
 (XVIII 1228-32)

Com o propósito de reforçar a importância da renúncia aos prazeres materiais, Kazantzákis põe diante de Buda e Ulisses a figura da famosa cortezã Margarô, interessada em ouvir a palavra de Ulisses. Não podendo ela suportar as expressões amargas que dele ouvia, assim se manifesta:

"Como poderei, agora abraçar sombras, meu Deus!
 Amo os verdadeiros corpos, gosto de seu mau odor!"
 (XVIII 1254-5)

A meretriz, portanto, continuará a desfrutar dos prazeres que a vida sempre lhe proporcionou.

Quanto a Ulisses, não aceita nem o niilismo de Buda que não pode erguer-se do túmulo, nem a vivência materialista de Margarô, que não consegue elevar-se acima de seu próprio corpo.

Só se completará a filosofia budista, mais tarde, quando o jovem príncipe, seguindo o grande asceta Ulisses, chegar à concepção da total negação da vida, mas com plena e perfeita liberação.

Buda, então, dirigindo-se a seu escravo vai revelar a tranqüilidade adquirida em sua nova maneira de encarar a vida.

"Hoje, na cintilação da Morte, te reconheci, meu irmão:
 escravos e senhores imanizam-se nas mesas dos vermes.
 Por favor, não te lamentes, pois eu me libertei das sombras"
 (XVIII 1378-80).

O segundo encontro com uma daquelas grandes figuras da humanidade que, como Ulisses, procuram não o mistério da vida, mas, deve-se dizer, o mistério da libertação da vida, dá-se com outro asceta e o niilismo retorna às cogitações do herói.

As eternas perguntas sobre as razões e a finalidade do nascimento torturam aquele homem arrependido de ter levado uma vida tão moderada, sempre isolado, continuamente em busca de Deus. Sonhava agora com um novo tipo de vida, pleno de alegria e sucessos. Nos braços de Ulisses morre esse velho asceta, mas sua mão permanece espalmada e isso faz que os camponeses sejam aconselhados por ele a colocarem aí o mais valioso tesouro, – pois só assim ela se fechará. De nada valeram as diversas interpretações sobre o que seria tal tesouro: Ouro? Chaves de bronze da cidade? Amas brilhantes, lágrimas de mães, beijos de jovens, o brinquedo único de uma criança?

"Mas a mão tinha fome; permanecia aberta numa maldição muda"
 (XIX 998).

Ulisses então, compadece-se do povo, vendo sua aflição:

"Inclina-se e com suas unhas escava a terra, aproxima-se do asceta e, mudo, enche de terra a palma sem fundo; e, de repente, os dedos secos voltaram a fechar-se, saciados"

(XIX 1003-5).

Com isso recebe o velho a resposta simbólica à angustiante pergunta de sua existência toda: "És terra e à terra voltarás".

Novas reflexões agitam o espírito de Ulisses quando se lhe depara um cantor negro que, entoando a lenda do Capitão Elias enaltece o grande poder do canto, que foi escolhido pelo filho de um rei como sua coroa, mas, para que sua lira soasse, era necessário que suas cordas fossem embebidas no sangue de seus sete filhos. Agora, quando começa a tocar, a lira explode num canto arrebatador.

Ulisses aproxima-se do cantor e pede-lhe a verdade de seu canto, ao que ele responde:

"Eh! arqueiro asceta, crês que tua vida me importa?
Que me importam verdade e mentira, a tua e a minha?
Olha lá! É possível que tenha cantado minha própria dor!"

(XIX 1421)

E adiante continua o cantor:

"Segue teu caminho solitário, Asceta, eu não tenho necessidade de ti;
bem acompanhado, ando sobre a terra-mãe e me vou:
à minha direita a Morte, rimos; à esquerda, o coração, choramos"

(XIX, 1431).

Com a lenda do Capitão Elias, Ulisses descobre que, só depois de mergulhado no fundo da tragédia, o homem pode elevar-se até ao canto.

No encontro posterior com o Capitão Evα que simboliza D. Quixote, as reações de Ulisses revelam suas idéias a respeito do idealismo exacerbado. O Capitão, com sua armadura já enferrujada parte no intuito de salvar o mundo da escravidão e da injustiça, mas é agarrado por escravos negros que preparam uma fogueira para assá-lo.

Ulisses compadece-se dele, admirando-o em sua loucura que o faz descreer da morte, alimentar fantasias e sofrer pela liberdade. Consegue libertá-lo, persuadindo o chefe negro de que não vale a pena tanto trabalho para obter alimento de um corpo tão seco, descarnado. Conquistada sua liberdade, o Capitão Evα volta a perdê-la, pois teimosamente se lança à luta para defesa dos escravos.

Se Ulisses admira a Intrepidez dessa alma que não se cala, essa mente que ousa perseguir o irrealizável, por outro lado, – despreza o homem que enfrenta uma luta inútil, movido por seus sonhos e fantasias.

O amor pela vida, que Ulisses manifesta no poema todo, é o ponto alto em seu contacto com o Senhor das águas estagnadas, quinto na seqüência de seus grandes

encontros espirituais. Ele encarna uma teoria hedonística da decadência, na figura de Hamlet, o príncipe da Dinamarca. A água do pântano, o lago, os nenúfares, a indolência que o charco simboliza dão o ambiente climático.

Diz o Poeta:

“É noite total em seu espírito
tudo aí lança sombras azuis,
já nenhuma tristeza o oprime, nenhuma alegria o embriaga;
a vida definiu em seu coração. Que ele seja maldito!”

(XX 455-7)

Conversando Ulisses com Hamlet, percebe que ele é um homem que jamais amou, ou odiou, e que zomba de todos os valores espirituais. Lança-lhe em rosto seu ardente amor pela vida, quando o príncipe quer saber dele se não virá um dia em que a alma mergulhará na catadupa da morte. Afasta-se com desprezo daquele que não passa de escória de uma existência de prazer e decadência.

Kazantzákis deixou por último o encontro de seu herói com Cristo, figura que teve grande importância em sua vida, como se pode aquilatar por estas expressões de uma carta do Poeta: “Apesar de todos os meus desesperados esforços, o tema de Cristo resta para mim inesgotável, porque o mistério da luta do homem e de Deus, da carne e do espírito, da morte e da imortalidade, é inexaurível”.

Simbolizando Cristo, tem-se a figura de um jovem pescador negro que fala do Pai eterno, e ensina ao povo o amor e a resignação. Em diálogo com um outro pescador este toma as palavras de Cristo como tolices e fantasias e afirma que o mal geralmente triunfa sobre o bem. Como resposta, ouve que se alguém lhe bate deve oferecer a outra face. Ulisses, desejoso de uma comprovação, esbofeteia o pregador e, quando este lhe oferece a outra face, assusta-se, pois enquanto julga ser dever do homem seguir o caminho da guerra e da luta, o jovem negro aconselha o caminho do amor e da paz para alcançar um reinado último em que o homem e Deus se tornem novamente UM.

Diante dessa discordância de opiniões, Ulisses acusa o jovem de amar apenas a alma do homem, enquanto ele também ama sua carne, seu mau cheiro, a terra e ainda a morte, negando que a alma tenha valor sem o corpo, pois é através dele que a alma deve formar-se e purificar-se.

Assim se expressa Ulisses:

“ – Como pode falar de espírito e julgar a alma
o coração que jamais amou a tresloucada carne!
Envergonhado, o adolescente abaixa a cabeça mas sua voz se eleva:
Somente aquele que jamais mordeu a isca da carne
pode falar do espírito e definir a alma, irmão,
porque a falaz doçura da terra não lhe corrompe o coração”

(XXI 1320-5).

E Ulisses diz mais adiante:

“Até agora meu coração permaneceu quente, alegre, corajoso.
Ele ama tudo, vida e morte, mas nenhuma fé tem”

(XXI 1342-3).

Compadecido da descrença de seu interlocutor o jovem retruca: “Tenho piedade da alma que vive e morre longe de Deus.”

Ulisses ouve a palavra de Cristo como temo canto de despedida e assim se separam os dois amigavelmente.

Para o grande errante a liberdade que tanto deseja continua a ter o sentido de luta na terra sem esperança.

“Muito vi e muitas alegrias tive na terra, ceifei as amarguras,
destruí os grandes deuses e também as doces esperanças.”

Com essa seqüência de significativos encontros do herói do poema, suas reflexões sobre a vida e a morte são bem realçadas por Kazantzákis que com ele parece comungar nas idéias expressas na obra.

Eis como o Poeta conclui, depois de tantas reflexões em torno do tema, como deverá ser a morte de Ulisses.

Só, absolutamente só, o herói navega em direção ao Polo Sul. Contra uma imensa montanha de gelo – o último barco de Ulisses para a morte – despedaça-se a sua embarcação. E vem a seu espírito: “Este é o elefante branco que me levará ao Hades” (XXII 1158).

O herói tenta agarrar-se ao “iceberg”, sangrando pés e mãos. O vento gelado do Polo Sul, ponto **zero** da terra, rasga-lhe as vestes e o deixa totalmente nu, como a se despojar do próprio eu material na identificação com o Nada. É a imagem da completa solidão.

“No silêncio muito branco . . . não conserva nem roupas, nem armas, nem esperança, diz o Poeta.

O “iceberg” é a ponta do degelo de todas as ilusões mundanas de Ulisses, crença que era apenas nos cinco grandes elementos que compõem o homem e que nesse momento vão desagregar-se: terra, água, fogo, ar e o espírito do homem. Entre os louvores dirigidos a esses elementos, ele diz ao fogo: “Não amo o homem, amo a chama que o devora” (XXIII, 884). Mas o espírito do poeta não é dominado apenas por idéias niilistas, como se pode ver pela reviravolta na situação, na seqüência do poema, quando surgem numerosas e estranhas sombras sobre a grande montanha de gelo. São seus filhos e caros companheiros vivos e mortos, que acorreram de muitos pontos da terra, até mesmo alguns ainda cobertos de barro do túmulo, com os vermes em suas carnes, mas com a alma indestrutível, eterna.

Em Ítaca não ouvem seu apelo, exceto seu cão Argos, que se lança do túmulo e, latindo, corre ao encontro de seu dono.

Por último, chegam seus três padrinhos: Tântalo, Prometeu e Hércules. Permanecem de pé como três mastros muito altos, no barco gelado da morte.

É dessa maneira que o espírito de Ulisses salta "e se liberta de sua última prisão, de sua liberdade" (XXIV 1393).

O conflito das idéias em busca do ideal metafísico, eterna preocupação do Poeta, é sempre focalizado nos autores que, procurando o confronto entre o autor e o herói do poema, assinalam os pontos principais em que ambos comungam nas mesmas concepções, como fez Prevalákis, em sua obra **Kazantzákis – O poeta e o poema da Odisséia**.

No que se refere à divindade, menciona esse autor que Deus não tem princípio e o espírito não conhece; não é um pensamento abstrato, mas produto de nossas entranhas; é meio e não fim. O poeta diz não querer chegar a Deus mas viver inspirado por ele. Deus e o animal, isto é, o espírito e a carne, lutam dentro de cada homem. Referindo-se ao dever que este tem de transformar a carne em espírito, Kazantzákis não entende essa mudança como o retorno e a união do homem a Deus, mas a vitória do indivíduo que ouviu o "Grito" de socorro da divindade que clama por liberdade, na ânsia de sair à superfície para não gerar novamente a matéria e o espírito, isto é, para que ele próprio seja engendrado.

O homem deve alcançar a libertação de Deus e das repressões que séculos de crença criaram. É ele que deve dar sentido à divindade e não esta a vida do homem. O Poeta não consola o ser humano, mas o desespera afirmando que Deus não é mais eterno que ele e não lhe promete a imortalidade, mas sim a morte.

A "liberdade absoluta" é para Ulisses/Kazantzákis uma visão do mundo sem Deus e sem esperança

Para o Poeta a vida é "uma centelha que brilha, por um instante, entre duas noites intermináveis". O homem vem do abismo, descreve a curva biológica e deve voltar para o abismo. Ele assume sozinho a responsabilidade de sua salvação – sem esperança de justificar metafisicamente sua vida, mas também sem medo de uma condenação eterna. Não o aguardam nem recompensas, nem punições, pois só há o Nada após a revelação do "grande, admirável e abominável mistério" da vida.

Imbuído dessas idéias, escolhe o Poeta o epigrama que deve ser gravado em seu túmulo, sintetizando suas concepções sobre a conquista da liberdade absoluta:

Δέν φοβᾶμαι τίποτα,
δέν ἔλπίζω τίποτα,
εἶμαι λεύτερος,
"Não temo nada,
não espero nada,
sou livre!"

Não parece que Kazantzákis tenha dominado cabalmente sua ansiedade metafísica.

Sua luta espiritual, comenta Mitsákis³, "faz lembrar a pedra de Sísifo, na medida em que ele próprio repetidamente nos assegura que, em sua vida toda, lutava para ganhar essa última forma de liberdade e que, no momento em que cria já pisar o último degrau, subitamente verificava que se achava de novo muito longe desse elevadíssimo bem e ideal em que tinha posto sua vida.

Idas e vindas, pois, tão freqüentes mas também tão naturais na luta espiritual de um homem!"

3. ΜΙΤΣΑΚΗΣ, 1982:352

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

OBRAS ESPECIAIS

FRIAR, K. *Η πνευματική Όδυσσεια του Νίκου Καζαντζάκη*. Αθήνα, Κέδρος 1983.

Μητσάκης, Κ. *Πορεία μέσα στο χρόνο*. Αθήνα, Φιλιππούτης, 1982.

Πολίτης, Λ. *Ιστορία της Νεοελληνικής Λογοτεχνίας*. Αθήνα, Μορφ. Ιδρ. Έθν. Τραπέζης, 1980.

Πρεβελάκης, Π. *Καζαντζάκης - Ο ποιητής και το ποίημα της Όδυσσειας*. Αθήνα, Ι.Δ. Κολλάρος, 1958.

Ρούκ, Κ.Α. *Άσκητική. Νέα Έστια, Νίκος Καζαντζάκης*. Αθήνα, Έστια, Χριστούγ. 1977.

TEXTOS

Καζαντζάκη, Ν. *Όδυσσεια*. Αθήνα, Δόρικος, 1960.

MOATTI, J. NIKOS KAZANTZAKIS *L'Odyssee*. Paris, Plon, 1971.